máxima a inclusão. Porém sua manutenção tem sido o modelo médico-pedagógico que nos faz pensar se este caminho está levando a qual caminho? Sucesso ou fracasso?

Sendo verdade que para a democratização da escolarização os alunos com deficiência por meio de inclusão do ensino regular, terão que ser superadas as barreiras impostas pelos educadores não especializados e modificados as práticas escolares na perspectiva da absorção com qualidade, das mais diversas diferenças culturais, linguísticas, étnicas, sociais e físicas. É também verdadeiro que a contribuição da área da educação especial não se fará presente enquanto permanecer hegemônico o modelo médico-pedagógico.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Atendimento Educacional Especializado: Brasília 2007.

CUNHA, Maria Isabel da. O bom professor e sua prática. São Paulo: Editora Papirus, 1989. 182p. (Leitura)

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: reflexões sobre a aula e prática pedagógicas diversas. 2.ed. Petrópolis, SP: Vozes, 1997.

LIBÂNEO, José Carlos. Adeus professor, adeus professora? novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Editora Cortez, 2010. 104p. (Metodologia / didática / prática / gestão).

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Editora Cortez, 1994. 264p. (Metodologia / didática / prática / gestão) (Biblioteca pessoal)

PIMENTA. S. G. Uma proposta de atuação do orientador educacional na escola pública. Tese de doutorado. PUC-São Paulo, 1985.

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO OBJETO DE DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL DA EDUCAÇÃO INFANTIL

GISLAINE DE FÁTIMA FARIA

RESUMO

A educação infantil abrange muito mais que o processo de cuidar das crianças. É um trabalho árduo com o intuito de formar cidadãos para o mundo e prepara-los para uma longa jornada no processo educacional. Dentre as inúmeras ferramentas utilizadas pelos educadores, a contação de histórias é predominantemente a melhor forma de inserir a literatura no universo dos pequenos humanos em formação, pois é partindo do mundo imaginário que estes conhecerão o seu lugar no mundo.

ABSTRACT

Early childhood education encompasses much more than the process of caring for children. It is hard work in order to train citizens for the world and prepare them for a long journey in the educational process. Among the countless tools used by educators, storytelling is predominantly the best way to insert literature in the universe of young humans in training, as it is from the imaginary world that they will know their place in the world.

INTRODUÇÃO

De todas as artes, a literatura é a primeira arte essencial para o desenvolvimento humano. Ela tem o poder de transportar o leitor para novos universos, vivenciando novas experiências e múltiplos prazeres. Além dos prazeres, a leitura auxilia no desenvolvimento intelectual e outros benefícios, que explanaremos ao longo deste artigo.

A literatura é a arte que estimula a imaginação humana. É através do poder humanizador das palavras e a capacidade de alterar a realidade e transformar tempos difíceis em algo lúdico que transforma a contação de histórias em determinante para o desenvolvimento infantil.

Contar histórias é uma das primeiras formas de estimular o indivíduo a realizar ações e determinar sua própria história. A arte de contar histórias é ainda mais antiga que a própria literatura, visto que os povos antigos, antes mesmo da descoberta da escrita, utilizava da contação de histórias para marcar e registrar os avanços de seu povo e registrar os feitos históricos da sua civilização.

Com a criança, não é diferente: Esta não conhece do mundo e, através da contação de histórias, começa a conhece-lo e desenvolver senso crítico de certo e errado, senso de coletivo e a criatividade. Segundo DOHME (2000, p.05) “as histórias são um ‘abra-te sésamo’ para o imaginário, onde a realidade e a fantasia se sobrepõem”, é através das histórias narradas que a criança desenvolve a empatia e outras características de seu desenvolvimento pessoal e social.

O desenvolvimento do indivíduo se faz a partir da compreensão do seu papel na sociedade e a literatura promove esta formação. Segundo Coelho (2009) “A literatura em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nessa sociedade em transfor-

mação: a de servir como agente de transformação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola."

A facilidade de compreensão e interpretação da literatura infantil permite o acesso de diferentes públicos, abrangendo diversos universos em uma única linguagem, abrindo um leque de possibilidades de aprendizagem em um único texto.

A literatura não possui limites ou faixa etária, quando a criança ainda não sabe ler, conta-se a história e cria um elo entre o leitor e o ouvinte, gerando memórias afetivas importantes para o desenvolvimento emocional da criança.

A narração de histórias estimula a curiosidade, a construção de ideias, a imaginação, ampliando conhecimentos e fazendo com que a criança vivencie situações que as fazem sentir medo, alegria, tristeza e o exemplo vivido pelos personagens da história podem servir de exemplo, ajudando na compreensão de seus próprios sentimentos e na resolução dos problemas, criando novas expectativas e pontos de vista.

O papel do educador infantil no processo de contação de histórias, criando dinâmicas e auxiliando na interação da criança na história, permite que haja compreensão e que a mesma possa ter autonomia na criação de seus próprios roteiros, possibilitando que crie seus finais felizes, melhorando sua compreensão de mundo.

Quanto antes for realizado o primeiro contato da criança com os livros, mais cedo ela vai gostar de ler e, consequentemente, desenvolverá o prazer pela leitura. Partindo do princípio de que os filhos são espelhos dos pais, se estes criarem o hábito para a leitura, os filhos os acompanharão.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Contação de histórias existe desde os primórdios da vivência social, visto que o que conhecemos como sociedade e períodos históricos se passa através da necessidade humana de recontar os fatos vividos por seus antepassados e através desta reconhecer e reescrever a própria história.

A criança, ainda no ventre da mãe, desenvolve a audição e o seu primeiro contato com a vida é através deste sentido, ouvindo a voz da mãe e daqueles que ali estão. Reconhece, na voz da mãe, ainda sem entender o sentido das palavras, o carinho e a atenção que precisa para crescer.

Antes mesmo da descoberta da escrita, as histórias eram passadas através da oralidade e até mesmo da arte rupestre para seus povos. De acordo com Busatto (2006, p.20); "o conto de literatura oral se perpetuou na história da humanidade através da voz dos contadores de história".

Ainda na sociedade primitiva, se estendendo para sociedades tribais, mantém a tradição de reuniões para que seus líderes possam estender seus conhecimentos para os mais novos com a mesma emoção com que ouviram ou viveram, tornando-se o membro mais respeitado e detentor do conhecimento da comunidade.

[...] o pajé, que tinha só ele, os segredos da arte de dizer, deixou de ser um mero instrumento de diversão e encantamento popular, para ser depositário das tradições da tribo, as quais ele deveria transmitir às novas gerações para serem conservadas e veneradas através dos tempos (Busatto, 2006, p.17).

A história repassada pelos ancestrais são responsáveis também por compartilhar a vivência cultural da comunidade, representando a realidade daquele povo e apontando as evoluções da sociedade. Para que haja a efetivação do processo de contação de histórias se faz necessário um vínculo emocional entre o contador e seu público, pois é através desde envolvimento que a emoção será transportada.

Busatto (2006, p.25) diz que: "A contação de história ou narração oral ao sujeito que conta e ao sujeito que ouve um contato com outras dimensões de seu ser e de sua realidade que os cerca".

Com o avanço da sociedade, a descoberta da escrita e até mesmo o cinema, o dom de contar histórias é ainda hoje considerada uma dádiva de entretenimento e aprendizagem. O mundo surreal, a imaginação e o envolvimento emocional entre o contador e seu público, independentemente da forma como é repassada, ainda é a base de conhecimento, entretenimento e aprendizagem emocional.

A criança que, segundo Vygotsky, nasce como um livro em branco e através do que observa, aprende e, somente depois, desenvolve através do processo de espelhamento do processo que vivenciou. Nos anos iniciais do desenvolvimento infantil, principalmente no intervalo de tempo entre 0 e 5 anos de vida, a criança utiliza todas as informações aprendidas e vividas como base para desenvolvimento de sua identidade e memórias afetivas. A criança desta faixa etária não distingue o faz de conta da sua realidade e é partindo desta premissa que o educador e a contação de histórias desempenham um papel fundamental no desenvolvimento infantil.

Na primeira fase da infância, Entre os 4 meses e 5 anos de vida a criança desenvolve a linguagem nas áreas fonológica, morfológica, sintática, semântica e pragmática, a criança aprende a falar através do exemplo dos que cercam, passando a compreender

a linguagem e associar aos objetos e sensações que possui, desenvolvendo a habilidade e utilizando em seu próprio benefício. Massini-Cagliari (2001) defende que a capacidade cognitiva da criança não depende do ensino direto da fala, mas do contato que a criança tem com falantes da língua materna, obtendo oportunidades de comunicação.

Os pais podem e devem ser o primeiro contato da criança com a literatura, transformando o ato da contação de histórias um habito diário, normalmente associado ao momento de tranquilidade e concentração da criança, como antes de dormir. O momento da história fortalece os laços afetivos entre os pais e os filhos, gerando confiança e identificação entre os membros da família.

O ato de contar e ler histórias favorece o desenvolvimento verbal, cultural e afetivo da criança, bem como sua consciência linguística, pela diversidade e experiências com diferentes tipos de sons e significados das palavras contidas nos diferentes textos escritos, que se tornam objeto de atenção. (Wolff, 2008, p.18).

Os pais, diferentemente da escola, possuem a liberdade de escolha de histórias, podendo criar histórias, narrar o dia, falar situações da própria família e enriquecer as memórias afetivas da criança. É em casa que a criança vai ter o primeiro contato com a história e, caso os pais sejam adeptos da leitura, a criança vai desenvolver afeto por livros e pela leitura, tendo interesse aumentado pela curiosidade, pela vontade de saber a história que os pais estão lendo e a vontade de poder ler suas próprias histórias.

Faz parte do ser criança a vontade de refletir em seus próprios atos as ações e palavras dos que amam, dessa forma a criança, quando chegar na escola, associará a leitura ao prazer e a memória afetiva a tranquilizará.

São muitos os gêneros literários que podem ser utilizados para ampliar a visão de mundo do infante, mas o faz de contas contém o diferencial da magia, transportando a criança para um universo imaginário onde tudo é possível e, desta vivência, absorver lições e ensinar a lidar com suas próprias emoções. Segundo a Tahan (1996, p.38), "o ato de contar histórias, é utilizada como veículo de verdades eternas", pois para as histórias não existe o vínculo entre tempo e realidade, onde seu único objetivo é aprender a lidar com seus desafios e dificuldades individuais.

Na educação infantil, A história fornece estruturas para lidar com os problemas de forma fecunda e criativa e leva a criança a um mundo de fantasia que descreve com precisão os personagens e suas aventuras. A criança sente, e se entrega ao mundo da história, um mundo de expectativas, decisões e possibilidades: alternativas, o que fazer diante de uma grande limitação, possibilidades e recursos criativos para superar problemas e lidar com sentimentos.

A educação infantil tem a responsabilidade de inserir a aprendizagem como complemento aos cuidados necessários da faixa etária, é com o educador que a criança vai gerar um vínculo emocional e associar a aprendizagem como forma de cuidado e desenvolver novas habilidades partindo de suas vivências, em geral de forma lúdica, fazendo com que a criança desenvolva o conhecimento sobre mundo e possa compreender significados a partir de suas brincadeiras.

Ao incentivar uma criança a adentrar no mundo da leitura, estamos permitindo que esta tenha acesso à infinitas possibilidades. Sendo ouvinte de histórias, podemos conduzir a criança a sentir diversas emoções, seja pela expressão facial ou pela entonação de voz, permitindo que esta vivencie a segurança, o amor, o medo e aprenda a lidar com a euforia do encantamento.

"É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula...". (ABRAMOVICH, 2001, p. 17).

Para uma criança não existe o processo de aprendizagem, pois tudo o que é novo faz parte do desenvolvimento e a descoberta é a parte fundamental do seu cotidiano, alimentado pela curiosidade natural da infância.

A educação infantil como etapa inicial da educação básica é de extrema importância para o desenvolvimento de competências que possibilitem a compreensão e a internalização do mundo humano pela criança. Nesse sentido, fazse necessário o desenvolvimento de atividades operacionais, visto que se baseia na interação com o meio ambiente, determinada por uma ação deliberada e dirigida do professor que a criança aprende (Vygotsky, 1998).

Consideramos a educação, segundo ABRANTES (2012), dividida em diferentes ciclos, sendo eles: Primeira Infância (0 a 3 anos), Infância (3 a 10 anos) e Adolescência (10 a 17 anos) e períodos, Primeiro Ano (0 a 1 ano), Primeira Infância (1 a 3 anos), Idade Pré-Escolar (3 a 6 anos), Idade Escolar (6 a 10 anos), Adolescência Inicial (10 a 14 anos) e Adolescência (14 a 17 anos). A transição entre os períodos ocorre por meio de crises e a atividade dominante em cada período é, respectivamente: Comunicação Emocional Direta, Atividade Manipuladora, Dramatização, Atividade de Estudo, Comunicação Pessoal Íntima e Atividade de Estudo Profissional.

Ainda dentro da história da educação, segundo ARIÈS (1981, p.65) a criança só começou a ser descoberta no século X e a ser

vista como tal a partir do século XIII. É notório que as versões de histórias infantis mais antigas carregam uma linguagem culta, baseando-se que a sociedade reconhecia a criança como um adulto em treinamento que estés deveriam se vestir-se e comportar-se como tal.

Com o aumento das pesquisas a respeito da compreensão infantil e a capacidade de absorção, muitos escritores de contos infantis passaram a modificar a linguagem de suas histórias para que a criança possa compreender com mais riqueza e absorver a moralidade, atingindo os objetivos esperados.

A criança consegue compreender a existência do bem e do mal, compreendendo que existem decisões a serem tomadas para que o herói atinja a vitória. A criança compreende que, mesmo em meio a tantas dificuldades que o protagonista possa encontrar em seu caminho, a resiliência existe e permite que não desista dos objetivos, mostrando que é necessário força de vontade para superar as adversidades da vida.

A base do conto de fadas, especialmente para o desenvolvimento de crianças da primeira infância, permite que o reconhecimento de diversas situações reais e arbitrárias da vida, como a guerra, a fome, o medo e a morte de forma que possam ser trabalhadas sem danos psicológicos, mostrando inúmeras possibilidades de lidar com os sentimentos, revelando que é natural termos pensamentos construtivos e destrutivos, porém cabe a nós como indivíduos o poder de escolha.

A criança não vê a contação de histórias como ferramenta para o aprendizado. O prazer sentido por ela no ato de ser ouvinte é reconhecido como momento de divertimento. Abramovich (2003, p. 24) diz que:

Ouvir histórias é um momento de gostosura, de prazer de divertimento dos melhores... É encantamento, maravilhamento, sedução [...]. E ela é (ou pode ser) ampliadora de referenciais, postura colocada, inquietude provocada, emoção deflagrada, suspense a serem resolvido, torcida desenfreada, saudades sentidas, lembranças ressuscitadas, caminhos novos apontados, sorriso gargalhado, belezuras desfrutadas e as mil maravilhas mais que uma boa história provoca [...] (desde que seja uma boa história)

A criança que ouve histórias infantis fica mais facilmente sociável, torna-se um jovem mais consciente, colaborativo com os outros, porque quando se senta na roda para ouvir a história, comenta, interpreta, conta, pensa, aprende a esperar sua vez de participar. A contação de histórias permite que a criança aprenda a ouvir, falar e se expressar melhor. É claro que o desenvolvimento do psiquismo das crianças que ouvem histórias infantis é mais desenvolvido do que de outras crianças.

O professor de educação infantil tem a liberdade de levar seus alunos a um mundo fantástico, um mundo onde as crianças se descobrirão de forma divertida. É de extrema importância que o professor utilize métodos dinâmicos para apresentar a história aos seus alunos, desta forma será mais fácil para eles compreenderem a história que está a ser contada.

O prazer que a criança tem de ouvir e contar histórias são um claro indicador de que a fantasia e a imaginação são muito importantes para ela conhecer e compreender. Ora as histórias são o modo mais corrente de integrar a cognição e a imaginação, a Educação Ambiental e a fantasia. (Máximo-Esteves - 1998, p.125)

O professor pode utilizar outros recursos no momento de contação de histórias, partindo da narrativa para a utilização de recursos visuais, como bonecos, desenhos, fantoches, sombras, mala mágica. Todo recurso é válido, pois os objetos utilizados deixarão de ter sua utilização padrão para ser parte integrante do universo desenhado.

Como afirma Góes (1997, p. 18):

Privilegiar atividades com histórias e materiais literários tem, por certo, repercussões positivas para a criança. Pesquisas têm indicado que, na infância, as experiências com narrativas, em vários contextos, são instâncias de refinamento da cognição.

O processo de contação de histórias tem seu início antes mesmo da chegada da criança. O professor deverá realizar a escolha da história buscando nela os recursos e os objetivos a serem alcançados no final do processo. O professor que conhece bem seus alunos consegue prever as reações e estimular a imaginação, guiando o infante para o objetivo esperado.

O ambiente onde a história também deverá ser bem pensada. É necessário que o educador tenha domínio de um local onde as crianças possam sentar, escutar e prestar atenção e então interagir com a história. Para que a situação esteja sob controle, se faz necessário o preparo do local, seja definindo um "cantinho da leitura" ou até mesmo modificar a posição das cadeiras para a roda da leitura, evitando sempre ambientes abertos ou com muito fluxo de pessoas para que as crianças não se dispersem facilmente.

Quando o momento da leitura se torna um hábito diário, a criança tem o vocabulário enriquecido com as novas histórias e a percepção a respeito da formação e utilização da linguagem se aprimora com a ação.

O importante é que o professor no exercício da docência, em sendo um leitor, aprecie as peculiaridades das linguagens e, assim, passe essa paixão no processo de formação de leitores. É imprescindível que

estas, efetivamente, consigam não somente distinguir a natureza das linguagens, mas também desenvolver o gosto pelo literário, pelo uso estético da linguagem, pelos efeitos estéticos da linguagem, pelos efeitos que ela produz na construção e no enriquecimento da interioridade de cada leitor (ROSING, 2009, p. 134).

Ainda associando a leitura com o processo de aprendizagem da criança, o professor pode realizar atividades para trabalhar a memória da criança, pedindo para que esta conte com suas palavras a história que ouviu e, até mesmo, perguntar acerca da moralidade da história, dando liberdade para a criança interpretar e compreender através de suas próprias vivências. Não existe idade perfeita para a roda de conversa, mas é necessário que esta seja dirigida sempre com o intuito de ampliar a compreensão dos alunos e que os mesmos possam perceber os prazeres da leitura sem que compreendam o momento como parte da aula.

A criança que desenvolve o prazer pelo mundo da leitura terá, até seus 10 anos de idade, um vocabulário ainda mais enriquecida e através da correlação entre o enriquecimento do vocabulário e o uso da imaginação, conseguirá desenvolver outras tarefas com exímio desempenho, maximizando seu potencial leitor e melhorando consideravelmente seu rendimento escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É propício que a criança tenha o primeiro contato com a contação de histórias em seu lar, tenha vínculo emocional com a contação de histórias, tenha desenvolvido a capacidade de confabular e tenha a memória afetiva do prazer pela leitura trabalhada. Com estas características já inseridas na realidade do infante, o papel pedagógico da escola, enquanto responsável pelo desenvolvimento infantil, será trabalhar o desenvolvimento de linhas de raciocínio, trabalhar a imaginação, presente naturalmente na condição de infância, para que a criança possa sentir e vivenciar os efeitos da realidade paralela que a história é capaz de criar.

Se faz necessário pensar sempre em curto, médio e longo prazo quando se fala na contação de histórias, além da análise de cada função corporal e intelectual de acordo com as faixas etárias em que a criança está inserida.

Os benefícios da contação de histórias no desenvolvimento infantil, a curto prazo, envolvem o amadurecimento do convívio em sociedade, visto que a criança precisará dividir espaço de forma respeitosa para que o colega também possa compreender a história, independentemente de diferenças físicas ou psicológicas e associa ao prazer do incentivo à imaginação. Dessa forma, é possível utilizar o momento de leitura como moeda de troca para tranquilizar os alunos, seja permitindo que os mesmos escolham qual história que quer ouvir ou até mesmo permitindo que os mesmos participem da história, quando possível.

A médio prazo, a criança conseguirá compreender que o momento de leitura exige concentração para maior assimilação e compreensão da história, incentivando o silêncio e tranquilizando a criança. Será possível identificar que a criança que ouve frequentemente histórias consegue associar momentos de sua vida com situações do mundo da fantasia, permitindo que compreenda melhor seus sentimentos e consiga expressar coerentemente o que pensa e o que sente, obtendo com a contação de histórias uma maior estabilidade emocional. Mesmo não conseguindo distinguir o real do faz de conta, a criança consegue compreender situações adversas da vida de forma lúdica, afastando o sofrimento desnecessário e permitindo que as angústias do crescimento sejam anestesiadas por uma realidade onde tudo é possível.

A longo prazo, a criança que sente o prazer pela literatura sentirá necessidade de independência ao prazer da leitura, querendo aprender a ler mais rápido para que possa desbravar o universo da literatura por si, podendo escolher suas próximas leituras e estilos literários que mais atraem. A capacidade de compreensão é aumentada e o vocabulário é enriquecido ao longo do processo de leitura, facilitando posteriormente que a criança desenvolva melhores textos e linhas argumentativas.

A contação de histórias infantis é essencial para o desenvolvimento da criança, gera entendimento de mundo e segurança emocional, devendo ser incentivada desde os primeiros momentos de vida e deve seguir como hábito para enriquecimento de vida. A criança que lê se tornará um indivíduo melhor para a sociedade, capaz de pensar, interagir e conviver em sociedade.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São Paulo:

Scipione, 1997.

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. Tradução de Arlene Caetano. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

BUSATTO, Cléo. A Arte de Contar Histórias no século XXI. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2006

COELHO, Nelly Novaes. A literatura infantil: história, teoria, análise. 3. ed. São Paulo: Quíron, 1984. COELHO, Beth. Contar histórias: uma arte sem idade. São Paulo: Ática,